

O POTENCIAL DA TEORIA DE SISTEMAS SOCIAIS DE LUHMANN PARA OS ESTUDOS TRANSCULTURAIS

Ricardo Campelo de Queiroz
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Maria Luisa Mendes Teixeira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Os estudos transculturais estão presentes atualmente nas mais variadas ciências humanas, como a psicologia, sociologia e antropologia. Os pressupostos da teoria evolucionária, na qual todas as sociedades possuem uma mesma origem e se encontram em diferentes níveis de desenvolvimento, têm sido utilizados como a principal fundamentação teórica na comparação de constructos entre diferentes culturas. A fim de ampliar as alternativas epistemológicas na realização das pesquisas transculturais, este artigo objetiva discutir a teoria de sistemas sociais de Luhmann e seu potencial de utilização. A partir da teoria de sistemas proposta por Parsons baseada na ação humana, Luhmann apresenta uma abordagem fundamentada na comunicação e na diferenciação. Ao utilizar conceitos de diferenciação da matemática, os sistemas devem ser caracterizados por meio da diferença entre a sua operação e seu entorno. A comunicação torna-se elemento essencial dos sistemas, sendo capaz de se diferenciar do seu entorno e criar os seus próprios elementos para sua reprodução, denominado *autopoieses*. A análise de constructos distintos se torna possível dentro do conceito de sociedade global de Luhmann, na qual não existem regionalidades e fronteiras entre as culturas, apenas sistemas. Por fim, o artigo apresenta a contribuição da teoria de sistemas de Luhmann como alternativa para os estudos transculturais.

Palavras Chaves: Teoria de Sistemas; Luhmann; Transcultural

Abstract

The cross-cultural studies are currently present in various human sciences, such as psychology, sociology and anthropology. The assumptions of evolutionary theory, in which all societies have a same origin and are at different levels of development, are used as theoretical foundation in the constructs of comparison between different cultures. In order to extend the epistemological alternatives in carrying out cross-cultural research, this article aims to discuss the theory of Luhmann's systems and their potential use. From the systems theory proposed by Parsons based on human action, Luhmann presents an approach based on communication and differentiation. By using concepts of mathematical differentiation, systems must be characterized by the difference between its operation and its environment. The communication becomes an essential element of the systems, being able to differentiate themselves from their environment and create your own elements to their reproduction, named *autopoiesis*. The analysis of different constructs becomes possible within the Luhmann concept of global society, in which there are no regionalities and boundaries among nations, only systems. Finally, the article presents the contribution of Luhmann's systems theory as an alternative for future cross-cultural research.

O POTENCIAL DA TEORIA DE SISTEMAS SOCIAIS DE LUHMANN PARA OS ESTUDOS TRANSCULTURAIS

Introdução

Os Estudos transculturais estão presentes no mundo acadêmico desde os anos 40 com as pesquisas antropológicas de autores como Murdock, Morgan e Tylor, com o objetivo de comparar culturas ou grupos étnicos. Mais recentemente, outras ciências desenvolveram os estudos transculturais, como a psicologia, a sociologia e administração de empresas. A principal sustentação para a realização de comparações culturais encontra-se na teoria evolucionária. Segundo Castro (2005), todas as sociedades humanas se desenvolveram de forma linear e ascendente, sendo a diferença entre as culturas apenas o estágio evolutivo em que elas se encontram. A partir deste argumento, é possível avaliar constructos em diferentes países, pois as sociedades são similares diferenciando apenas sua evolução.

A variedade de estudos transculturais realizados por diferentes áreas tem apresentado resultados controversos, resultando em críticas em algumas revisões realizadas (PETERSON; SOENDERGAARD, 2012). Porém, estudos mostram a importância do tema para a psicologia (GELFAND; LESLIE; FEHR, 2008) e para o comportamento organizacional (PETERSON; SOENDERGAARD, 2011; SOENDERGAARD; PETERSON, 2007).

Porém, ao analisar os estudos dos fenômenos transculturais algumas perguntas emergem, entre elas, quais outras abordagens teóricas apresentam potencial para sustentar a análise desses fenômenos?

Niklas Luhmann na sua visão da “sociedade mundial” traz um argumento alternativo à teoria evolucionária para sustentar o estudo de fenômenos culturais que impliquem em comparações entre culturas, possibilitando um olhar diferenciado com potencial de trazer à tona aspectos não perceptíveis pelo emprego da teoria evolucionária.

O objetivo central deste ensaio é discutir os pressupostos da teoria de sistemas sociais proposta por Niklas Luhmann e o seu potencial para o avanço dos estudos transculturais, com o propósito de contribuir com uma alternativa epistemológica para a realização de estudos de fenômenos organizacionais que impliquem em comparação entre culturas.

As teorias estruturalistas de sistemas sociais: Parsons e Luhmann

Antes de aprofundar os principais conceitos propostos neste artigo, se faz necessário situar a teoria de sistemas sociais na perspectiva de Parsons e Luhmann dentro do arcabouço teórico das ciências sociais. Para este propósito recorre-se a tipologia dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979) que apresenta quatro abordagens para os estudos organizacionais e as premissas constituintes das diferentes abordagens. A tipologia de Morgan e Burrell possui dois eixos, o vertical radical/regulatório e no eixo horizontal o objetivo/subjetivo, formada por quatro quadrantes nomeados como: paradigmas funcionalismo estrutural, estruturalismo radical, interpretativismo e humanismo radical. As teorias de sistemas desenvolvidas por Parsons e posteriormente abordada por Luhmann estão classificadas no quadrante do funcionalismo estrutural de Burrell e Morgan (1979). A

diferenciação dos paradigmas encontra apoio na argumentação realizada por Levi-Strauss (2008) onde buscou diferenciar a estrutura social das relações sociais, sendo esta última a “matéria-prima empregada para a construção de modelos que tornam manifesta a própria estrutura social” (op. cit., p.301).

Na concepção de Burrell e Morgan (1979), os termos estrutural funcionalismo e teoria de sistemas podem ser intercambiáveis, porém no desenvolvimento posterior da teoria de sistemas, diferentes aspectos emergiram resultando na impossibilidade de utilizar os termos como sinônimos. Rodrigues e Neves (2012) classificam o trabalho de Parsons dentro da corrente estrutural-funcionalista, pois os fenômenos sociais são analisados a partir de sua estrutura e a função constitui uma dimensão da estrutura, enquanto que a concepção de sistema autopoietico proposto por Luhmann faz a inversão dos papéis da função e estrutura, sendo classificada como funcional-estruturalismo. Nesta abordagem a estrutura é resultado de funções internas do sistema.

A proposta de Parsons foi a de que a construção de estruturas sociais se realiza sob a forma de sistemas, e a operação basal sobre a qual esse sistema se constrói é a ação (LUHMANN, 2009), sendo sistema uma série de eventos relacionados uns aos outros, ou operações (BECHMANN; STERR, 2000). Parsons (2005) pontua que um sistema social é apenas um de três aspectos da estrutura do sistema social de ação e que os outros são o sistema de personalidade e o sistema de cultura, este construído pelas ações dos atores sociais.(pg.47)

A obra de Parsons sobre a teoria de sistemas sociais é um importante marco na sociologia embora, às vezes, controversa (GIROLA, 2010). Alguns autores como Habermas e Giddens fizeram críticas a sua teoria parsoniana, mas os principais limites emergiram nos trabalhos de Niklas Luhmann que estudou diretamente com Parsons na universidade de Harvard. Luhmann (2009) enfatiza a rigidez hermética da teoria de Parsons por analisar a realidade social por meio de diagramas. Por isso, as comparações de conceitos provenientes de outras ciências não podem ser realizadas, uma vez que Parsons ajusta os preceitos teóricos ao seu modelo arquitetônico. A teoria de Parsons não considera a dependência do conhecimento dos sistemas sociais às condições sociais e que o conhecimento das ações já seja em si mesmo uma ação (LUHMANN, 2009). “O conceito de social, próprio da ação social, cai assim em uma falácia lógica de regressão infinita” (OCAMPO, 2013).

Luhmann combina uma ampla variedade de teorias de diferentes origens, dentro e fora da sociologia. As principais influências são a teoria de sistemas sociais de Parsons, a fenomenologia de Husserl, a segunda ordem da cibernética de Heinz e Foersters e o conceito de *autopoiesis* da biologia desenvolvida por Maturana e Varela; bem como o cálculo de distinção de Spencer Brown (SEIDL; BECKER, 2006). Segundo Luhmann (1991) a teoria de sistemas, surgida no meado do século XX na biologia, e que subsidiou a teoria de sistemas de Parsons é utilizada por diferentes ciências e pode ser empregada na sociologia no sentido de uma investigação aplicada de sistemas.

Luhmann critica Parsons pela adoção do modelo de sistemas abertos, defendendo que devam ser diferenciados do seu entorno (MYZOCKY,1998). Ao se enfatizar o processo de transformação *input/output*, e o aumento progressivo de determinadas variáveis do sistema baseado nos conceitos da cibernética, a teoria de sistema abertos tornou-se limitada na questão do que é realmente um sistema (LUHMANN, 2009).

Luhmann (2006a) divide o desenvolvimento da teoria de sistema em três estágios: a teoria de sistema fechados; a teoria dos sistemas abertos; e a teoria do sistema de observação ou auto-referencial. A transição do sistema fechado para o aberto se deu pela inclusão do ambiente na teoria, porém não foi apenas o reconhecimento que existe um ambiente, mas que o sistema aberto é baseado no relacionamento dinâmico entre sistema e ambiente, concluindo que um sistema não existe sem um ambiente (LUHMANN, 2006a). A teoria dos sistemas abertos apresentou três conceitos subjacentes, input/output, feedback negativo e feedback positivo, que apesar das contribuições no âmbito social recebeu diversas críticas por ser comparada a uma máquina e não levar em consideração a complexidade da realidade social (LUHMANN, 2009). O terceiro estágio é a maior contribuição de Luhmann para a teoria de sistemas após identificar as limitações da teoria de sistemas abertos o autor substituiu o conceito de ambiente por entorno e os conceitos de ação de Parsons por processamento de informação bem como a distinção sujeito/objeto pela diferenciação entre operação e observação (LUHMANN, 2009). Nesta fase é introduzida a ideia que o sistema só pode se referir a si mesmo na constituição de seus elementos e operações elementares. Para ser possível, os sistemas têm que produzir e utilizar as autodescrições e têm que ser capazes de utilizar a diferença entre sistema e entorno como orientação e princípio de processamento de informação (LUHMANN, 1991). Neste sentido, o sistema precisa se fechar operacionalmente se separando do entorno e se diferenciando por possuir pelo menos uma operação que, para Luhmann, no sistema social é a comunicação.

Ambiente versus Entorno

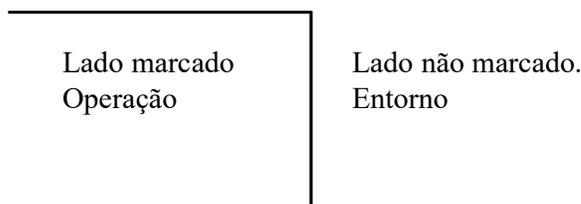
A teoria de sistemas parsoniana concebida pela representação de inputs/outputs não considera a diferença entre o sistema e o meio, a reprodução de *outputs* semelhantes está diretamente relacionada com a estrutura constante do sistema e na invariabilidade das entradas (*inputs*). Porém, a realidade social não é composta por um ambiente estável uniforme, pelo contrário ela é complexa e multifacetada. Diante de tal complexidade, para Luhmann (2009), o sistema precisa se diferenciar do entorno com o objetivo de reduzir a complexidade do ambiente, sendo capaz de “combinar todas as suas operações” (op. Cit. p.73). A necessidade de diferenciação do entorno torna o sistema operativamente fechado, auto-organizado que define seus próprios limites e estrutura. Estas características do sistema foram baseadas em conceitos da biologia apresentados por Francisco Varela e Humberto Maturana denominado *Autopoiesis*. Na biologia, os seres vivos se organizam para se reproduzirem a partir de suas próprias moléculas formando uma rede fechada, sendo o entorno desnecessário para sua reprodução devido a sua elevada complexidade. O conceito de *autopoiesis* só pode ser entendido a partir do encerramento operativo do sistema, pois o sistema se define a si mesmo ou produz as operações necessárias para produzir mais operações (LUHMANN, 2009). Portanto, tem-se um processo circular onde a resultado do processo, *output*, torna-se a entrada *input*, caracterizando a diferença entre sistema e entorno (NEVES; NEVES, 2006). Luhmann (2009) transfere o conceito de autopoieses da biologia

para sua teoria de sistemas sociais, baseado no argumento que o sistema social de comunicação se fecha operacionalmente e se recria a partir de suas próprias operações.

A finalidade da estrutura também consiste em uma diferenciação entre os principais autores da teoria de sistemas. A perspectiva original da teoria de sistemas resulta na estrutura como a estabilidade do sistema social sendo o que mantém a ordem social, algo determinado a priori que objetiva determinar o funcionamento do sistema, enquanto para Luhmann (2009) a estrutura é utilizada somente quando o sistema entra em operação, sem influência no passado e futuro.

Ao estudar a proposta do matemático George Spencer Brown para indicação de distinção constituída pela cruz “vazia” (figura 1), Luhmann (2006a) utilizou o conceito apresentado por Spencer-Brown associado ao conceito de autopoieses para aplicar na teoria de sistemas sociais e fazer a diferenciação entre operação, sistema e entorno. Na visão de Luhmann uma operação é a reprodução de um elemento do sistema com base nos seus próprios elementos, ou seja, *autopoieses*, e precisa possuir conectividade. A operação que reúne estes princípios, segundo Luhmann, é a comunicação. Os elementos necessários para recriar a comunicação estão disponíveis na própria operação e existe a conectividade de uma comunicação com a próxima comunicação. No momento em que isso ocorre, existe a diferenciação em relação ao entorno, do que não está na comunicação. A distinção entre a operação ou a comunicação e o entorno constituem o sistema, ou seja, o “sistema é a diferença” (LUHMANN, 2006 a, p.48).

Figura 1: Marca de distinção Spencer Brown na teoria de sistema



Fonte: Adaptado de Luhmann (2006a)

Luhmann (2006a, p.48) reforça a importância da diferenciação na conceituação de sistema ao afirmar que “um sistema necessita apenas uma única operação para se diferenciar do entorno” e possui a capacidade de controlar as condições de conectividade a partir do seu fechamento, ou seja, o encerramento operativo.

Encerramento Operativo e a *Autopoiesis*

Na teoria de sistemas ao realizar a distinção entre a unidade e o entorno, o sistema realiza o encerramento operativo, produzindo um tipo de operação exclusiva. A autopoiesis e auto-organização são dois conceitos importantes do encerramento operativo que são sustentados pela diferença e um mesmo princípio de operação (LUHMANN, 2009). A auto-organização significa que o sistema constrói suas próprias estruturas internamente por meio de operações específicas.

A utilização de termos oriundos de outras ciências é uma característica predominante no desenvolvimento da teoria de sistemas sociais por Luhmann. Não obstante, o autor encontrou na biologia um importante conceito para a teoria de sistemas, a *autopoiesis*. Baseado no conceito original de Maturana, Varela *et al.* (1974) definem uma organização autopoietica como uma unidade, por exemplo uma célula, que por meio de reações químicas produzem moléculas que através de interações recursivas participam da produção, sem a necessidade de outras operações externas. Neste sentido o sistema se fecha operacionalmente e produz seus próprios elementos necessários para a operação. As operações autopoieticas são exclusivamente produções internas, entretanto não significa que não exista interação externa. Apenas o sistema autopoietico que regula o contato externo (SEIDL; BECKER, 2006).

Ação e Comunicação

O olhar de Parsons para os sistemas sociais invariavelmente encontra a ação, os atores sociais individuais encontram um determinado conjunto de componentes e condições suficientes para interagir entre si constituindo um sistema (PARSONS, 2005). Neste sentido, Parsons admite que exista uma integração dos conceitos de sistema e ação em uma única teoria (LUHMANN, 2009).

Apesar dos elogios a Parsons pela integração de vários conhecimentos fora da sociologia, como economia, psicologia, modelos *input/outputs*, linguística, cibernética, Luhmann na formulação teórica de sistemas sociais se opõem às ideias de que o sistema é definido pelas normas e valores compartilhados coletivamente e defende o conceito de sistema relacional (BECHMANN; STEHR, 2001), em que ao se diferenciar do entorno o sistema exclui os elementos psíquicos e humanos sendo formado exclusivamente por uma única operação que produz e reproduz a sociedade, isto é a comunicação (LUHMANN, 1991, 2006b, 2009).

A comunicação para Luhmann não é apenas uma questão linguística de falar corretamente (2006b) é “uma operação social” (2009, p. 293) que existe na interação dos participantes. Se a ação na teoria de Parsons é um resultado de consenso entre os atores sociais e é determinada pela estrutura, a comunicação em Luhmann não é necessariamente um consenso. Ela pode ser utilizada para expressar tanto a convergência quanto a divergência de opiniões (LUHMANN, 2009).

A importância da comunicação na teoria de sistemas sociais de Luhmann recebeu inúmeras críticas principalmente por ter sido considerada mais importante que os humanos. Na concepção de Luhmann, a sociedade não importa se é composta por humanos, mas apenas por comunicação. Diferenciando da tradição europeia anterior na qual a ação humana tem

papel fundamental na operação dos sistemas sociais e na constituição de sua estrutura, para Luhmann existe a diferenciação entre sociedade e humanidade. Na sociedade os sistemas precisam se diferenciar do entorno complexo e são formados pelo sistema de comunicação, enquanto o ser humano pertence a humanidade.

Dupla contingência

O termo dupla contingência foi inicialmente utilizado por Parsons a partir da indagação se existe possibilidade da existência da ordem social. A definição de contingência significa a possibilidade de um dado ser diferente do que realmente é, ou seja, uma ação é contingente quando não se consegue controlar (CORSI *et al.*, 1996). Por exemplo, a definição de um plano de contingência para situações críticas e não previsíveis, mostra a imprevisibilidade do evento ocorrer. Para ciências sociais a dupla contingência não significa duas vezes contingente, mas uma contingência social específica (CORSI *et al.*, 1996). A dupla contingência foi proposta pelo grupo de pesquisa de relações sociais na Universidade de Harvard com o objetivo de discutir a possibilidade de existência da ordem social, sugerindo que os valores da estrutura social, ou seja, os valores compartilhados de uma sociedade são o precedente para a ordem social (LUHMANN, 2009). Desta maneira, o modelo é uma relação do antes e depois sendo primeiro a dupla contingência e depois os sistemas.

Luhmann faz uma mudança na interpretação da dupla contingência, ao afirmar que na concepção de Parsons a dupla contingência é anterior aos sistemas formando uma sequência. Devido a impossibilidade de comprovar a causa/efeito da dupla contingência e do sistema, Luhmann (2009) propõe uma maneira diferente de pensar a dupla contingência ao afirmar que “a ordem social acontece quando alguém faz uma proposta, ou efetua uma ação, que submete os outros a uma situação de reação: aceitar ou recusar a proposta” (LUHMANN, 2009). Neste sentido a dupla contingência forma uma referência circular responsável pela criação da ordem social e que o seu rompimento somente acontecerá com o tempo.

A nova forma de pensar a dupla contingência nas ciências sociais permitiu a sua aproximação à teoria de evolução. De acordo com Luhmann (2009) ambas teorias explicam a formação da ordem a partir de si mesmas, na teoria da evolução por meio da seleção e variação e na teoria da dupla contingência no processo circular da comunicação.

2.3 A sociedade Mundial de Luhmann

Luhmann propõe uma nova maneira de ver a sociedade mundial e o mundo, ao mesmo tempo que mantém aspectos conceituais da velha tradição europeia ele apresenta rupturas conceituais na direção de uma sociedade única. O mundo, na concepção anterior, é visto como agregador de todas as coisas visíveis e não visíveis, humanas e não humanas, além da diferenciação territorial de sociedade. As cidades ou reinos eram vistos como sociedades independentes que eram capazes de garantir o bem-estar de sua população (LUHMANN,

2006b). A visão integradora da sociedade mundial, ou seja, uma coletividade, manteve-se na proposta de Luhmann do sistema global. A diferenciação dos conceitos da velha tradição para a proposta de Luhmann surge na proposição que o mundo não pode ser concebido em termo de coisa, mas sim de relações, ou como aponta Corsi *et al.* (1996) após a modernidade o mundo passou a ser definido com referência a três dimensões do sentido: temporal que apresenta um futuro incerto, a dimensão material representada pela rede infinita de possíveis relações causais e a social em que os indivíduos são concebidos como sujeitos iguais. Desta maneira o mundo é concebido como um horizonte global, que integra as três dimensões de sentido (CORSI et al. 1996).

O argumento de Luhmann refutando a concepção anterior de um mundo entendido como “*aggregatio corporum*” (2006b, p.109) está baseado na concepção da territorialidade finita, ou seja, “o mundo é um complexo fechado e comunicativo” (BECHMANN; STEHR, 2001, p.194), sendo conhecido em toda sua extensão territorial. A diferenciação entre as sociedades só pode ser entendida dentro dela mesma, a partir de uma limitação que caracteriza a diferenciação ambiente-entorno. A evolução tecnológica permitiu a unificação do tempo ao longo do globo, apesar da diferença de horários, qualquer evento ocorrido numa parte do mundo é comunicado no mesmo instante de tempo à todas as partes independentes das condições geográficas. Neste sentido, a fragmentação territorial faz parte de uma visão histórica do passado e o futuro para Luhmann, mas porque não o presente, o mundo é visto como um sistema social único e que as diferenciações internas são devidas as funções de cada subsistema. Luhmann propõe a divisão por sistemas econômico, político, legal, arte e outros sendo o motivo das limitações dos subsistemas não uma questão histórica ou evolutiva, mas uma questão de auto-organização dos subsistemas (LUHMANN, 1997).

O evolucionismo Cultural e os estudos Transculturais

Na introdução do livro Evolucionismo Cultural, que reedita três artigos seminais sobre o tema do título do livro dos autores Morgan, Tylor e Fazer, Castro (2005) pontua que a base do evolucionismo cultural está fundamentada no argumento que a sociedade humana se desenvolveu de forma linear e ascendente sendo a diferença entre as culturas apenas o estágio evolutivo em que elas se encontram. Um dos autores seminais do fundamento que as sociedades evoluíram a partir de uma mesma origem, Tylor (1871) propôs a ideia de evolução humana em estágios, princípio seguido por Morgan no seu artigo “A Sociedade Antiga” inicialmente publicado em 1877 onde estudou as tribos e culturas antigas e identificou que o desenvolvimento entre diferentes sociedades, inclusive separadas geometricamente e sem conexão, foi muito similar, com poucos desvios. A partir destas descobertas os estudos culturais dentro da antropologia se intensificaram e mais recentemente Duham (1990) utiliza o termo evolução cultural baseado na afirmação que “todo sistema cultural humano está relacionado pela descendência de uma cultura ancestral comum” (Op. Cit. p.188) e defende que uma cultura “monogenesis” está sustentada por três principais argumentos, estudos mostram diversas características comuns, salvo poucas exceções, entre as sociedades humanas, em segundo a forte ligação existentes na estrutura das línguas ao redor do mundo e por último a forte correlação existente entre semelhanças genéticas e linguísticas de populações humanas (DUHAM, 1990).

Um dos pioneiros no estudo transcultural na antropologia, Murdock (1940) desenvolveu junto com pesquisadores da Universidade de Yale um manual para a realização de pesquisa entre culturas distintas combinando métodos estatísticos com levantamento de dados etnográficos. O objetivo do grupo foi contribuir para que pesquisadores de diferentes disciplinas possam realizar investigações científicas do fenômeno cultural em diferentes países (MURDOCK, 1940). A partir das pesquisas iniciais de Murdock a antropologia tem-se dedicado principalmente aos estudos etnográficos de cultura realizando comparações entre culturas ou civilizações. Mais recentemente, Jordan e Huber (2013) pontuam que nas últimas quatro décadas as pesquisas baseadas na teoria evolucionária foram aplicadas em análises do comportamento humano, linguagem e cultura nas ciências sociais e comportamentais. No campo da psicologia Gelfand, Leslie e Fehr (2008) apresentaram a importância das pesquisas transculturais e destacaram a diferença de níveis de análise das pesquisas. Estudos relativos a atitudes no trabalho, desempenho individual, motivação encontram-se no nível “micro” enquanto as pesquisas com a liderança, times e negociação os autores denominaram nível intermediário. No nível macro a análise é realizada na cultura organizacional ou cultura nacional.

A realização de pesquisa transcultural é particularmente complexa e precisa da atenção do pesquisador quanto ao nível de análise (SMITH, PETERSON; THOMAS, 2008), a definição operacional do constructo cultura (PETERSON; SMITH, 2008) e a metodologia a ser utilizada (LEUNG, 2008; ILESANMI, 2009). Conforme discutido por Smith, Peterson e Thomas (2008) a cultura nacional representada por valores corresponde as normas socialmente compartilhadas, em outro nível de análise encontram-se as preferenciais individuais como valores, tornando a operacionalização distinta entre os diferentes níveis. A fim de garantir a competitividade entre as variáveis, o pesquisador precisa certificar se as dimensões se equivalem nos diferentes países, a tradução necessita ser compreendida da mesma maneira e o procedimento de coleta de dados uniforme (LEUNG, 2008).

A contribuição da teoria de sistemas sociais de Luhmann para estudos transculturais

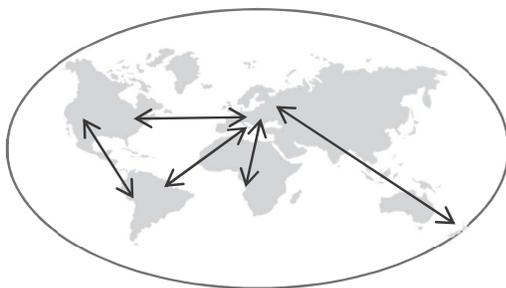
À luz do conceito da sociedade global composta por sistemas que se constituem na diferença entre a operação propõe-se estudar os fenômenos transculturais baseado na perspectiva de Luhmann. Uma vez concebido que a sociedade é única, pode-se inferir que existem as mesmas características ou dimensões em todo o mundo. Diferentes estudos de valores culturais realizados por Hofstede, GLOBE, Schwartz entre outros encontraram convergência entre as dimensões que caracterizam as culturas nacionais (SMITH, PETERSON; THOMAS, 2008).

A partir da concepção de uma sociedade única, a teoria de sistema de Luhmann propõe a identificação do sistema dentro desta sociedade. Como exemplo de aplicação, Luhmann (1997) discute o conceito de decisão sob a luz da teoria de sistemas confrontando com abordagens anteriores na qual define a decisão como uma seleção de alternativas. Na visão de Luhmann (1997) a decisão é considerada um sistema na qual uma decisão está conectada a outra, e seus elementos internos que se auto produzem na decisão posterior constituindo a

autopoieses do sistema. Para constituir um sistema, a decisão composta pela operação de comunicação se diferencia do seu entorno, fechando-se operacionalmente.

A vantagem da utilização da teoria de sistema de Luhmann para realização de estudos transculturais está na diferença na maneira de escolha do objeto a ser pesquisado e a posição do observador em relação às demais abordagens epistemológicas. Para Luhmann, o principal problema da abordagem evolucionista está no momento em que o pesquisador escolhe um objeto ou sistema para ser observado, o próprio pesquisador exclui todas as demais possibilidades. A partir deste momento, a observação passa a ser atribuída ao objeto ao invés do observador. “Não se tem conhecimento de que é a escolha de distinção ao invés do que está a ser distinguido que produz a observação” (SEIDL; BECKER, 2006, p.13). No eixo central das pesquisas transculturais, conforme figura 2, os pesquisadores fazem suas escolhas do objeto a ser analisado a priori partindo do pressuposto que o objeto é diferente entre as culturas sem a distinção com os demais objetos no entorno.

Figura 2: Pesquisa Transcultural na visão de mundo regionalizado

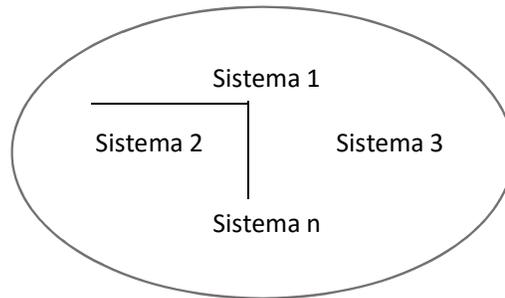


Fonte: Elaborada pelos autores

Com o objetivo de tornar mais compreensível a aplicação da teoria de sistema de Luhmann nos estudos transculturais utiliza-se um exemplo que já foi bastante comum na literatura científica: o processo de negociação entre indivíduos de diferentes países. A maioria dos pesquisadores escolhe as culturas que serão investigadas partindo do princípio que elas são diferentes e em seguida analisam o processo de negociação entre as culturas buscando identificar as diferenças regionais. A partir deste momento, a investigação transcorre com foco no objeto, como no exemplo citado, a diferença de negociação entre os indivíduos envolvidos.

Ao utilizar a perspectiva da teoria de sistema de Luhmann, o pesquisador necessita focar na distinção do sistema em relação aos demais sistemas, conforme Figura 3, e considerar a sociedade única “sem fronteiras regionais, nacionais ou culturais” (LUHMANN, 1993, p. 775). Nesta concepção, a sociedade global é composta por sistemas que necessitam da diferenciação entre si e posteriormente identificando as diferenças entre as culturas.

Figura 3: Pesquisa Transcultural na visão de mundo único e sistematizado de Luhmann



Fonte: Elaborado pelos autores

Portanto, na investigação do processo de negociação entre culturas, é necessário realizar a diferenciação entre o sistema negociação das demais comunicações, identificando o fechamento operacional, o entorno e os elementos que constituem a negociação. A partir da caracterização do sistema por meio do processo de comunicação, o pesquisador se torna o segundo observador (LUHMANN, 1993, 2009).

Considerações Finais

O crescimento da internacionalização das empresas e a utilização cada vez mais frequente de grupos multinacionais tem imposto novos desafios ao desenvolvimento gerencial nas organizações. Neste sentido, os estudos transculturais têm acompanhado o crescimento nas organizações em diferentes áreas e continua sendo um desafio compreender os aspectos comuns e as diferenças entre culturas distintas. Nas ciências sociais, a teoria evolucionária tem predominado nas pesquisas transculturais, porém outras linhas teóricas precisam ser utilizadas para auxiliar na compreensão deste vasto e complexo campo de estudo. Deste modo, a proposta deste artigo consistiu em propor a utilização da teoria de sistema de Niklas Luhmann para os estudos transculturais.

O desenvolvimento da teoria de sistema proposta por Luhmann recebeu diversas críticas devido à incompreensão dos conceitos complexos e originários de diferentes áreas de conhecimento, ou como o autor cita em diversas passagens de suas obras, é necessário um grau de abstração para compreender a sua proposta. Neste sentido, o aprofundamento das bases da teoria de sistemas sociais requer do pesquisador dedicação e reflexões para se perceber a riqueza dos conceitos apresentados. Apesar da vasta extensão da obra de Luhmann, podem-se analisar os principais fundamentos da teoria de sistemas sociais e o conceito de sociedade mundial.

A proposta deste ensaio foi apresentar as possibilidades de utilizar a teoria de sistema e o conceito de sociedade mundial de Niklas Luhmann para os estudos transculturais em alternativa à visão evolucionária principal linha utilizada até o momento. Podemos identificar, algumas vantagens de utilizar a teoria de sistema de Luhmann nos estudos transculturais, principalmente quanto a certeza de que o sistema analisado não está influenciado por outro sistema. Segundo, garante-se que as reais diferenças entre culturas dentro de um mesmo sistema estão sendo investigadas. Neste sentido, pode-se concluir a partir dos conceitos apresentados que a sociedade mundial de Luhmann sendo caracterizada por um único sistema

social global, permite realizar estudos transculturais, uma vez que as dimensões existentes na sociedade mundial são as mesmas para quaisquer divisões que possam ser discutidas. Ou seja, o pesquisador necessita utilizar um conceito válido globalmente, diferenciando-o do seu entorno e, após a distinção poderá fazer a comparação entre os elementos internos do sistema escolhido. Ao considerar que a sociedade é única e que a sociedade não inicia e termina nas fronteiras de um país, o pesquisador não estará influenciado pelas separações a priori da regionalidade e estará atento ao que realmente diferencia os grupos estudados.

A contribuição da teoria evolucionária nos estudos transculturais é inestimável, em diferentes áreas de pesquisas e continuará sendo a linha mestra dos estudos sociais, porém a partir das análises realizadas neste ensaio o pesquisador possuirá uma alternativa epistemológica para realização dos estudos transculturais. Neste sentido, pesquisas empíricas baseado na perspectiva de Luhmann precisam ser realizadas a fim de comprovar o potencial existente da teoria de sistema para o entendimento dos fenômenos transculturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHUR, J. P. O estado de bem-estar em Hayek e Luhman. **Tempo Social**, v.25, n.2, p. 179-213, 2013.

BECHMANN, G.; STEHER, N. Niklas Luhmann. **Tempo Social**. v. 13, n.2, 2001

BURREL, G.; MORGAN, G **Sociological paradigms and organizational analysis; elements of the sociology of corporate life**. London: Heinemann, 1979.

CASTRO, C. **Evolucionismo Cultural**. Textos de M.Norgan, Tylor e Frazer. Jorge ZAHAR Editor. Rio de Janeiro. 2005.

CRUBELLATE, J. M. Three Neofunctionalist Conceptual Contributions to the Institutional Theory in Organizations. **Brazilian Administration Review**, v.4, n. 1, p. 66-81, jan./april 2007.

CORSI, G., ESPOSITO, E.; BARALDI, C. **Glosario sobre la teoria social de Niklas Luhmann**. Universidade Iberoamericana. Mexico 1996.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Cosac Naif São Paulo, 2008.

LEUNG, K. Methods and Measurement in Cross-Cultural Management, In: SMITH, P.B.; PETERSON, Mark F.; THOMAS, D.C. (Eds.) **The handbook of cross-cultural management research**. Thousand Oaks, CA. 2008.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas Sociales**. Lineamientos para uma teoria general. Ciudad de Mexico: Alianza, Universidad Iberoamericana, 1991.

_____. **La ciencia de La sociedad.** Ciudad de Mexico: Universidad Iberoamericana, 1996.

_____. **Organización Y Decisión. Autopoiesis, Acción Y Entendimiento Comunicativo.** Barcelona: Antrhopos, 1997.

_____. **Complejidad y modernidad.** De la unidad a la diferencia. Madrid: Trotta, 1998.

_____. **Introdução à Teoria dos Sistemas.** Petropolis: Vozes 2009.

_____. **System as Difference.** Organization. 13, 1, pg. 37-57. 2006a

_____. **La sociedad de La sociedad.** Ciudad de Mexico: Herder, Universidad Iberoamericana, 2006b.

GIROLA, L. Talcott Parsons: a propósito de la evolución social. **Sociológica**, v. 25, n. 72, 2010.

GELFAND, M. J.; LESLIE, L. M.; FEHR, R. To prosper, organizationl psychology should...adopt a global perspective. **Journal of Organizational Behavior**, v.29, p.493-517, 2008.

ILESANMI, O. O. What is Cross-Cultural Research? **International Journal of Psychological Studies**, v.1, n.2, Dezembro, 2009.

JORDAN, F. M.; HUBER, B. R. Evolutionary Approaches to Cross-Cultural **Cross-Cultural Research.**, v. 47, n. 2, p.91-101, May 2013.

MIZOCZKY, M. C. A. Da abordagem de sistemas abertos à complexidade: algumas reflexões sobre seus limites para compreender processos de interação social. **Caderno ebape FGV**, 1, 1, p. 1-17, 2003.

MURDOCK, G. P. The cross-cultural Survey. **American Sociological Review**, v.5, n.3, p.361-370, 1940.

NEVES, C. E. B.; NEVE, F. M. O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 15, p. 182-207, 2006.

OCAMPO, S. P. Doble contingencia y orden social desde la teoria de sistemas. **Sociologica**, n.78, p. 7-40, 2013.

PARSONS, T. **The Social System.** New York: The Free Press of Glencoe, 2005.

PETERSON, M. F.; SMITH, P. B. Social Structures and Processes in Cross Cultural Management, In: SMITH, P.B.; PETERSON, Mark F.; THOMAS, D.C. (Eds.) **The handbook of cross-cultural management research**. Thousand Oaks, CA. 2008.

PETERSON, Mark.; SOENDERGAARD, M. The foundations of cross-cultural management. **Revista Psicologia: Organização e Trabalho**, v.12, n.1, p. 17-32, 2012.

PETERSON, Mark.; SOENDERGAARD, M. Traditions and Transitions in quantitative societal culture research in organization studies. **Organizations Studies**, v.12, n.1, p. 17-32, 2012.

RIBEIRO, P. H. Luhmann fora do Lugar? Como a “condição periférica” da América Latina impulsionou deslocamentos na teoria dos sistemas. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 28, n. 83, pg. 105-123, 2013.

RODRIGUES, L. P.; NEVES, F. M.. **Niklas Luhmann: A sociedade como sistema**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

SEIDL, D.; BECKER, K. H. Organizations as Distinction Generating and Processing Systems: Niklas Luhmann’s Contribution to Organization Studies. **Organizations**. 13(1): 9–35, 2006.

SMITH, P.B.; PETERSON, Mark F.; THOMAS, D.C. (Eds.) **The handbook of cross-cultural management research**. Thousand Oaks, CA. 2008.

SOENDERGAARD, M. PETERSON, M. A note on the Aarhus Master Class in Developing a Scholarly background in International Organizational studies of Management. **International Journal of Cross Cultural Management**, v.7, p.397-401, 2007.

VARELA, F.G; MATURANA, H.R.; URIBE, R. Autopoiesis: The organization of living systems, its characterization and a model. **BioSystems**. n.5, p.187-196, 1974.